



O Gaiato



Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

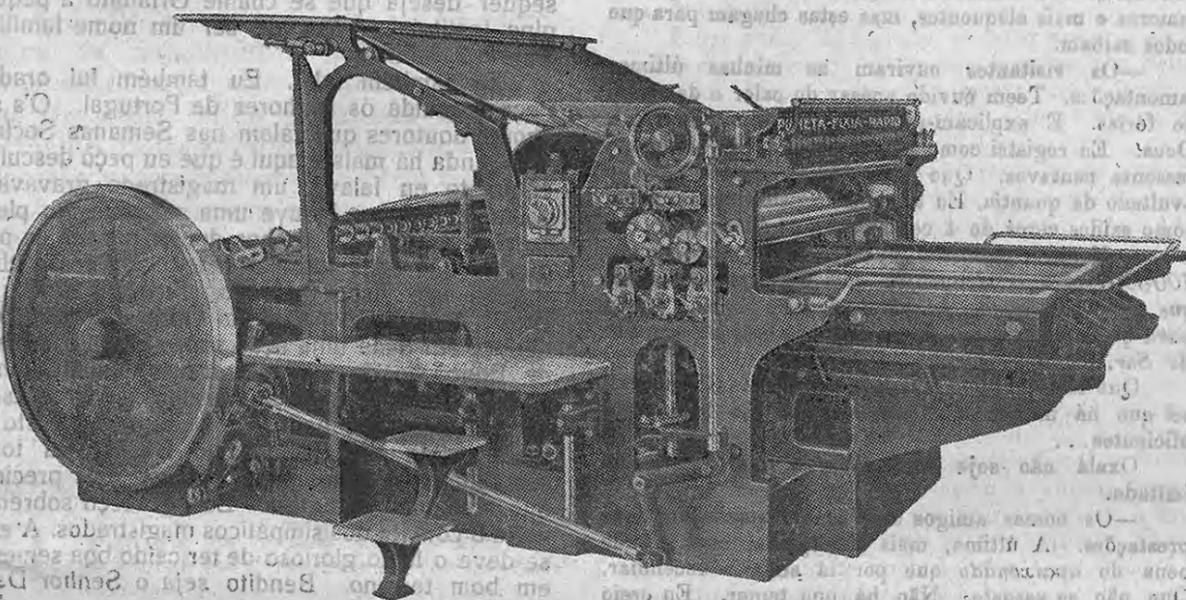
Ano VI - N.º 143
Preço 1\$00

Redacção, Administração e Proprietária—Casa do Gaiato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor—Padre Américo
20 de Agosto de 1949

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

A NOSSA TIPOGRAFIA



Parece uma locomotiva, mas não é:
E' um farol que vai alumiar muita gente e impedir que venha a naufragar.
A luz será o Evangelho e «O Gaiato» como poderoso objectivo, irradiará para lá dos horizontes
às cinco partes do mundo.
Se o fotógrafo apontasse mais alto, appareceria um letreiro que o Armando lá colocou, onde se lê:
ainda faltam 300 contos para liquidar a conta desta máquina!

Agora que está montada a maquinaria, era ocasião oportuna de lançar uma grande bênção por todas as engrenagens para que não venham a emperrar. *Bençãozinha...* de sacristão, isso não.

Ora nada menos de três bispos entram nesta altura na fileira, feitos propagandistas da *Obra da Rua*. Um de Angola, outro das Ilhas, outro do Continente. E enviam, para prova, listas enormes de assinantes.

E' que lhes dói, como a nós, ver entre as ovelhas do rebanho que lhes está confiado, muitos cordeiros perdidos que, em breve, serão lobos vorazes a voltar-se contra o próprio rebanho que os engeitou.

Isto compreenderam em primeiro lugar os nossos bispos de Coimbra que generosamente deram três padres à *Obra da Rua*; isto viu igualmente o nosso Cardeal Patriarca que ofertou à *Obra* uma grande quinta e um padre.

Isto viu também o Cardeal do Rio que, por andar afeito às ilhas, quis que todos os seus padres ouvissem o P.º Américo para que às ilhas eles prestassem etenção e assistência.

Mas estas coisas não se enxergam bem do palácio, é preciso descer um pouquinho até às pedras da rua.

Gostamos muito de ver assim a Igreja na companhia dos pobres, dos penitentes, dos operários etc. São eles — os operários — que falam em primeiro lugar.

«Casei-me em Junho passado, e, ao jantar falei sobre o *gaiato*, daí o resultando a pequena quantia (80\$) que aqui deixo. São migalhas de operários... migalhas e mais migalhas, no final fazem pão». Naquele dia e àquela hora, bem puderá falar das qualidades da sua esposa, da abundancia da mesa, dos seus negócios, ou dos amigos. Mas não; brinda ao lixo da rua! Sublime coluna!

E os operários, continuam! «Sem palavras, eu e minha noiva oferecemos este parafuso para a «*Nossa Tipografia*». Retomam a palavra os funcionários do Instituto do Vinho do Porto que nos fazem chegar às mãos 510\$ «em sufrágio da alma

do nosso querido companheiro de trabalho, Senhor Ramiro Mourão, que foi grande admirador da *Obra do Snr. P.º Américo*. Se os leitores souberem latim, eu punha aqui uma página inteira, da Escritura; mas vai apenas o sentido duma frase: *eis a verdadeira fraternidade*—a fraternidade cristã, a única que une porque tem por base a caridade — Deus—Aqui vemos unidos no mesmo pensamento muitos operários vivos e o que adormeceu no Senhor, o nome do P.º Américo e dos seus filhos. *Vera fraternitas!*

Sim; a missa foi celebrada.
Outra vez trabalhadores de Lisboa: «para que Deus ajude os que lhe são queridos». Mais Lisboa — são ferroviários já na 3.ª prestação de 60\$ cada.

Mais uma libra em ouro no Montepio e ainda outra. E o assinante 12.277 e o 7.513 os dois a valer por um; um *anónimo* a valer por dois e outro a falar por si, e «uma velha pobre» a valer por um e meio. Mais uma de Lisboa «que tardou mas sempre enfileirou» e C. C. V., com 30\$. Começam a aparecer também *segundas séries* de apaixonados que gostariam de ver a fileira encerrada antes da chegada do nosso P.º Américo «para dar alegria a quem tanto se esforça por nós». Mas os bons desejos de alguns não se coadunam com o passo lento de outros. Há-de ser o P.º Américo a sublime coluna a fechar com um *cântico novo*.

Lisboa com 2.ª prestação. Lisboa com 60\$ a completar anteriores prestações. Mais um Senhor de Soure a tocar o sino para que os três mil acordem. E' padre. Se ele assim ralha no altar, espanta tudo. Sim senhor pode mandar o menino, filho do cadastrado, porque v. é dos fiches desde a 1.ª hora. Para mais o rapazinho pode ser parente de algum dos valentes dessa vila que deram uma sova no P.º Américo! E' a vingança!

Mais Lisboa, e Lisboa, e outra vez Lisboa. Este senhor tem muito que se lhe diga. Afirma a pé junto que não é caloteiro, que nunca o foi, e que nunca o há-de ser. «Mas importa pagar e depois filosofar». Pagou, repagou, e no fim de

Continua na 3.ª página

Carta do Brasil

Eu tinha dito que havia de cantar, no Brasil, um cântico novo, e em cartas precedentes, tenho informado os leitores de como e aonde; hoje venho falar de S. Paulo. Da cidade de S. Paulo. Muito tenho a dizer da beleza incomensurável desta laboriosa terra, mas hoje não. Esta carta é destinada à questão social, que tem sido sempre a grande questão, sim; mas, infelizmente para a humanidade só nestes tempos se vai considerando como tal.

Fomos de avião. Como no Brasil há poucas estradas e as que existem não prestam, fazem os brasileiros caminho dos céus, e não há minuto em que não levante um avião do aeroporto do Rio para os mais Estados. Era noitinha quando chegamos. O documentário na nossa aldeia foi posto nas telas paulistas. O povo acode e chora de contentamento. Não há ninguém que se não entusiasme. Parecia-me estar numa romaria de Portugal, ao ver a bicha de gente do nosso povo, alguns nos derradeiros anos da vida, e todos comentando, a seu moço, o que que acabam de presenciar. Diziam aonde nasceram. Recordavam coisas da sua meninice. Gemiam saudades dos que lá deixaram. Queriam ficar ali ao pé de mim, a perguntar e a ouvir. Todos eles tinham visto Portugal.

Não praguei, ali, nas igrejas, mas os palcos foram pulpito adequado. Mais do que de Portugal, eu era ali um embaixador de Cristo. Pudera tê-Lo prègado morto e sepultado, que era boa

Continua na 2.ª página



A *Obra da Rua* continua a crescer no número dos seus filhos e netos. E' mais uma netinha acabada de baptizar que o Paulo pede ao paisinho para deixar beijar.

Aproveitamento escolar

Terminaram, por este ano lectivo, as actividades escolares em todas as nossas casas.

Podemos garantir que nenhum dos que conseguiram adeantar mais um ano, o teria feito sem o auxílio da *Obra da Rua*. Muitos, a maioria até, já mais teria posto pé na Escola, se não tivesse um dia encontrado aqui a sua casa paterna.

Ao Ministério da Educação Nacional se deve a manutenção de quatro Escolas oficiais, dois Postos de Ensino e três Cursos Nocturnos.

Todos os Professores mereciam, se fôssemos nós a classificar o seu esforço, um *muito bom* em vez do vulgar *suficiente* que a ninguém estimula. Habilitar um *tiro-líro* para o exame, supõe um prodígio de boa vontade quer do Mestre-Escola quer do aluno.

Os resultados finais, podem avaliar-se por estes algarismos:

Em Paço de Sousa, foram a exame de 4.^a cl. 20 rapazes com 17 aprovações e 3 distinções; e ao exame de 3.^a cl., 18 rapazes com outras tantas aprovações.

Em Miranda do Côrvo os 6 da 4.^a cl. e os 5 da 3.^a, ficaram todos aprovados.

No Tojal, a fechar o 1.^o ano escolar, já se conseguiram habilitar 3 rapazes para a 4.^a cl. um deles com distinção e 2 para a 3.^a classe.

Nos Seminários, os quatro alunos, em quem pomos a nossa esperança, como futuros continuadores da Obra, venceram mais um ano com regular aproveitamento. A's senhoras de Lisboa e Cova da Iria que dão a três deles, bolsas de estudo, a nossa gratidão. Faltam mais bolsas, para novos alunos. Nos Cursos Comerciais e Industriais do Porto e Coimbra, o Júlio concluiu com distinção; o Carlos Gonçalves transitou para o 2.^o ano; o Amadeu para o 3.^o e o Carlos Alberto para o 2.^o.

No Ensino Liceal, mercê da dedicação da Sr.^a D. Julieta e dos Professores do modelar Colégio «Pedro Nunes» o Carlos Inácio fez o 1.^o ciclo e o Zé Eduardo transitou para o 2.^o ano. A' digníssima Direcção daquele estabelecimento de ensino se agradecem as bolsas de estudo concedidas aos nossos Rapazes.

O Lar do ex-Pupilo fala por si. Já tem maior idade. Fala o Herlander.

Nunca é demasiado salientar o espírito de sacrificio dos nossos estudantes nocturnos, assim como daqueles que, não estando na Obra, estão, contudo nas mesmas circunstâncias. Há que vencer as dificuldades concernentes a oito horas de trabalho profissional, o cansaço de um dia de luta no emprego, e, quantas vezes, o ter que jantar às 10 ou 11 horas da noite, pois que a isso obrigam os horários escolares. Mas a vontade de vencer e de cumular o espírito com conhecimentos é mais forte do que todas as contrariedades e impele para a frente, numa ansia de mais e melhor, os rapazes de ideal traçado. Que continuem todos a caminhar com firmeza, convictos de que o mínimo esforço para o Bem é sempre recompensado pela tranquilidade da consciência.

Escola Primária, a funcionar no Lar:

Alfredo Benedito—fez exame do 2.^o grau (4.^a classe).

António Marques—fez exame do 1.^o grau (3.^a classe).

Escola Industrial e Comercial de Brotero:

António Fernando Lobo—passou para o 3.^o ano do comércio.

Carlos de Brito—passou para o 2.^o ano do comércio.

Eduardo da Silva—fez algumas cadeiras do 1.^o ano do comércio. Este rapaz, que já tem 18 anos, ainda corre atrás das revistas «O Papagaio» e «O Mosquito»!

Francisco Machado—transitou da indústria para o comércio, em virtude de ter mudado de profissão.

Luiz Ferraz e Eduardo de Carvalho—viram-se forçados a interromper os seus cursos por terem sido chamados a prestar o serviço militar. O segundo acaba de ser louvado na ordem de serviço da respectiva Unidade Militar pelos seus relevantes serviços prestados na Secretaria.

Por último, o estudante de Direito da Faculdade de Coimbra passou para o 3.^o ano, embora tivesse visto o ano lectivo seriamente comprometido pela frequência do 2.^o ciclo da Escola de Officiais Milicianos, em Mafra, de Novembro a Fevereiro. Para o ano próximo, em Maio, irá buscar o seu «grelo» à Queima das Fitas.

O que nos dão no Tojal

Com as obras a andar em velocidade proporcional às nossas forças, quase que tenho esquecido de revelar ao mundo o que o mundo nos dá.

Vai hoje em relato breve para não cansar.

—Antes de iniciarmos as obras do Casal tinhamos começado outras cá dentro deste *nosso palácio* que continuaram. São as reparações. Tudo precisava delas e há ainda muito por fazer. Agora estão a ser ultimadas as salas que vão servir para enfermaria e escola. Andam com os vidros. Eles são a matéria mais frequente do nosso tribunal. Até os mais sossegados cometem destes feitos. E' que... dum *desastre* ninguém se livra.

Os senhores da Covina olharam para nós com olhares de complacência e mandaram-nos uma remessa de vidros que, na sua maior parte, estão já colocados.

Mas ainda ontem o pintor soviava atrás de mim: *olhe que é preciso mandar vir mais vidros; olhe que está quase tudo gasto.* Eu mando vir, é claro, tenho mesmo de mandar vir, agora ou logo, mas este *«mande vir»* imperioso do pintor, faz-me por vezes andar com a cabeça às voltas. Mas tem que ser.

—As assinaturas vão-se pagando. Aqui também se cumpre o preceito. Muitos cá se toem desobrigado. Provam-no 580 escudos recebidos. Temos tido provas maiores e mais eloquentes, mas estas chegam para que todos saibam.

—Os visitantes ouviram as minhas últimas lamentações. Teem ouvido apesar do calor e da época de férias. E explicam-se todos que é um louvar a Deus. Eu registei como vindos deles 1.763 escudos e sessenta centavos. Que ninguém se assuste com o avultado da quantia. Eu também registei semanalmente como saídos cerca de 4 contos para os operários.

—*Maria a pecadora* aparece outra vez e *«envia 100\$00 para a tipografia com o desejo ardente de que todos os amigos da obra renovem a sua oferta para que a tipografia esteja paga quando do regresso do Sr. P.^a Americano».*

Que ricos desejos tem esta pecadora! Pecadores, sei que há muitos mas com desejos tão bons e tão eficientes...

Oxalá não seja confundida e que seja muito imitada.

—Os nossos amigos da Vacuum mandaram duas prestações. A última, mais diminuída, com grande pena do apaixonado que por lá anda a incendiar. Que não se assuste. Não há que temer. Eu creio na generosidade de todos os nossos amigos da vacuum.

Também enviaram já duas prestações os senhores da Sociedade de Produtos Lácteos. Continuam firmes. Sem atraso nem diminuição. Também a estes eu digo:—Acredito na generosidade de todos os nossos amigos. Temos ainda recebido roupas, muitas roupas usadas e alguns jogos de sala.

Vieram também três bolas de futebol uma para cada casa. São as prendas mais apreciadas. Andam sempre a chorar por elas e, por mais que tenham, nunca se fartam. E' a bola. Tudo dito.

Mais 50 quilos de massa. Massa para comer é claro! Que não haja confusões com a outra massa de que falara o Pedro João na última crónica.

Cá chegou uma remessa de pentes, lápis, sabonetes, lenhas, escovas de dentes, etc. Tudo em número suficiente para fornecer bem qualquer dos afamados quinquelheiros da Baixa. Ainda bem. Cá não temos quinquelheiros, mas tudo se gasta.

Os talheres vieram. E vieram em duplicado. Eu pedi meia e já cá temos uma dúzia deles. Sim senhor! Gosto dos recados assim! Tudo tão bem entendido que até aparecem as coisas a dobrar.

Do Grupo Musical Polyphonia 250\$00. E' o senhor Manzoni que por lá anda a lembrar que nós existimos. Ele é amigo cem por cento. E' por isso que ele anda e trabalha em união connosco, que geme quando nós gememos.

Do Bombarral, a acompanhar um cheque de cem escudos vinha um cartão de luto com o seguinte dizer: *uma lembrança para a nossa tipografia com o pedido de uma missa por alma de minha sempre querida e chorada mulher no dia 20.* Venho dizer que está satisfeito o seu piedoso desejo.

A debilha foi já feita. E o Sr. Canas ofereceu todo o dinheiro da despeza. Bem haja e, muito obrigado.

Olhos postos no Alto continuamos a esperar. E que no *saber esperar* está muitas vezes o forte dos que são fracos.

PADRE LUIZ.

Voltaremos à luta com tenacidade, perseverança e coragem no esforço, pois que temos conhecimento antecipado do fim que nos propomos alcançar, com rectidão de consciência.

Carta do Brasil

Continuação da 1.^a página

doutrina, mas não. Prêguei Cristo vivo. Cristo ressuscitado. Cristo exigente e intransigente, e aqui é que está. Intransigente, sim. Eu disse que vinha ao Brasil cantar um cântico novo.

Dois Magistrados do Tribunal da Justiça, vieram ter comigo a pedir para eu tomar parte na *II Semana de Estudos do Problema de Menores*, realizada de 25 a 30 de Julho numa sala nobre daquele edificio. Eu tremi e disse que não. Os senhores insistem. Eu continuei a tremer e gemi a minha saúde. Os senhores de novo insistem e dizem: *olhe que nós temos um nome português e chamamos nossa à sua pátria.* Era uma assistência verdadeiramente escolhida. Desembargadores presidiam. No fim de cada palestra, havia debates. Debates sérios, com ânimo sincero de acertar; de fazer melhor. Vivia-se ali a angústia da criança abandonada. Podíamos dizer que estávamos reunidos num templo, fazendo uma oração fervorosa da sorte das crianças sem pais. Os magistrados pretendem reformar os Reformatórios. Com esse intuito se reuniram o ano passado e já existem felizes experiências. Comarcas há, aonde o Juiz entrega o pequenino infractor a um sacerdote, e este toma conta. O Juiz nem sequer deseja que se chame Orfanato à pequenina instituição; tem de ser um nome familiar, com vida familiar.

Eu também falei. Eu também fui orador. Peço desculpa ós senhores de Portugal. O's senhores doutores que falam nas Semanas Sociais. Mas ainda há mais e aqui é que eu peço desculpa; enquanto eu falava, um magistrado gravava a palestra! Mais. Houve uma sabatina em plena sessão, aonde um senhor doutor me fez as perguntas que quis sobre o sistema da nossa obra, e tudo isto ficou gravado. Ficou gravada no Brasil a doutrina social da Obra da Rua. Dias depois, era dada uma lição sobre ela, no Instituto de Educação de S. Paulo, a uns seis mil alunos. E se eu tivesse tempo e aparelho, havia de escutar palestras e sabatinas, porquanto tudo isto foi radiofundido nos Estados do Brasil. Eu tomo estes meus trabalhos como a coisa mais preciosa que aqui vim encontrar. Eu agradeço sobremaneira o convite dos simpáticos magistrados. A eles se deve o facto glorioso de ter caído boa semente em bom terreno. Bendito seja o Senhor Deus de Israel.

Uma carta

Exmos senhores

Eu já escrevi para ai. Mas como o meu pai já morreu volto a contar a situação em que nós ficamos. O meu pai andou a trabalhar na A'frica em té à última. Mandou o dinheiro enquanto pôde. Mas morreu lá às esmolas, por a falta de saúde que ele teve. Até lá tiveram de tirar uma subscrição para fazer o funeral dele. Por se sacrificava-se a mandar o último dinheiro que tinha, porque ele não gostava que nós passássemos fome. E agora estemos obrigados a passá-la porque somos cinco filhos. E todos semos pequenos. Pedia o fabor que au menos aceitassem o meu irmão que nós agora estamos uns degraçadinhos. Pedia o fabor que me respondessem a mim. O meu pai morreu lá ao desemparo. Luvaram-no para o Hospital, porque viram que ele já não tinha cura, que ele já ia na última. Vejam lá nem au menos quando entrou para o Hospital não nos escreveu porque não tinha dinheiro para comprar papel. Pedia o fabor que me respondão a esta carta. Porque estamos aqui todos na miséria. Respondão a José Mendonça da Costa e Silva.

Como ouço falar muito na casa dos senhores e na grande bondade dos senhores foi por isso que me lembrei de escrever apedir-lhe esta grande esmola se me aceitar a mim e ao meu irmão.

E' a segunda do mesmo autor e a última duma série infinda que está para aí à espera de resposta.

E, que havemos nós de responder quando, como há pouco sucedeu, só num dia, ao cair da tarde, aparecerem ao fundo da avenida, junto ao portão, quatro vádios a pedir guarida?

Dos três que ficaram ninguém apareceu a perguntar por eles.

Alô! Alô! Lisboa!

A nossa tipografia

Mais notícias do Brasil

(Continuação da 1.ª página)

Isto vai! Isto há-de ir! Não é brincadeira nenhuma trancar com 150 garotos da Rua, nas ruas de Lisboa, com tantos riscos que por lá há. Os mais perigosos são os que marcam o passo aos transeuntes. Daqui se pede já aos senhores dos volantes que se arredem, e aos senhores polícias que perfillem: é a mocidade que passa!

Ouço por aqui dizer que levam os guardas presos se eles se metem com a malta. Mas deixem lá falar: é garganta. Querem dizer que os trazem presos pelo coração. Querem levar foguetes e zabumbas. De terríveis que são, queriam até transplantar a desordem de Paço de Sousa para o Terreiro do Paço. Até o cavalo de D. José se atirava ao rio, de susto, se tal sucedesse.

A incerteza da hora da chegada do Serpa Pinto obriga os alfacinhas a estar alerta. Os microfones dirão, se antes não estalarem com a algararra desta turbamulta.

A C. P. estava em casa. «O Gaiato» bateu de mansinho á porta do coração duns senhores e eles abriram. Lamento que um deles tenha apanhado um traço vermelho. Estes administradores de «O Gaiato» são muito irreverentes. Nem respeitam Bispos, nem doutores, nem amigos, os mais generosos.

Teremos uma carruagem, revisores, chefes, maquinistas à nossa disposição. E' só apitar. Lisboa ha-de pagar os bilhetes, que é para fazer alguma coisinha. Pois quanto não vale uma criança! E' só por ela que nós andamos a rastejar.

barafustar deita-se aos vivas á desorganização da Casa do Gaiato, porque obriga os supostos esquecidos a ter o dinheiro sempre pronto para tornar a pagar. Já não ralho mais com o Avelino.

Mais 2.ª prestação de Lisboa, de quem vai dando com muitas dificuldades mas espera chegar, com o noivo aos 200\$. Isto deve fazer corar de vergonha muita gente endinheirada.

Mas o Porto não fica para trás. Os Senhores despachantes da Alfândega, de certo por se consolarem de ver por lá a nossa Tipografia, tanto tempo, apitaram com quase três contos. O Júlio deu a volta a recolher e prestou contas.

Mais «uma pecadora do Porto» é a 2.ª série (digo série para distinguir dos pobres que vão dando a prestações) «dum casal provinciano e muito amigo». Mais de um anónimo e outro seu amigo, e uma professora e uma sua aluna muito amiga, e um Doutor da Foz do Douro. Mais a 4.ª prestação de Gaia, de uma pobre que chora por já não poder chegar ao fim.

Mais Barcelos a valer por um «para ajuda do sabão» da Tipografia, e Beira Alta, e de algures, e Lisboa, e Maceira Liz, e Avintes, e Felgueiras, e visitantes do Porto. Covilhã a valer por dez e Beira Baixa com igual quantia para não desequilibrar a balança.

E um padre de Calvão, e outro para servir de acólito a um cônego. Não seja mau Senhor Prior! Mais um bispo a mandar matar um cônego!! Escândalo! Não haja sangue num cortejo tão sagrado! Calma!

Final não era nada: trata-se da mesma pessoa que já não é o que era, e é o que não era.

A fileira retoma a calma habitual, com a Loc. de Ermezinde que deixou 85\$; outra subscrição entre alunos da 3.ª classe da Escola de Salreu, com 280\$ e um «abraço de todos para todos». Ditosos alunos que tal Mestre têm. Se fossem assim todos os de Portugal! Mais uma subscrição entre alunas do Colégio Parisiense e mais outra do Colégio do Coração de Maria. Outra subscrição de 400\$, entre pais e filhos de Val d'Azores. O nome não condiz com quem lá mora!

Mais uma alma que «nem a chorar nem a rezar consegue debelar seu sofrimento». A cruz taz-se de duas astes que se atravessam. Quem conforma a própria vontade com a de Deus desfaz a cruz e aproxima-se do Tabor.

Mais uma 3.ª prestação de Lisboa, e mais 30\$, e meia razão de Matozinhos, Figueira da Foz, Aveiro, S. Mamede de Infesta, Carracedo de Montenegro. Outras prestações: uma de Terena, de noivos que pedem a Benção do Senhor, outra de «uma da fileira» com pena de não valer por um; outra duma «franciscana inválida» e 60\$ para ajuda da tipografia.

Mais uma Mãe e esposa com a conta toda, e Barrancos, e uma família pelo bom resultado que o filho alcançou no 3.º ano de Liceu; e Moura «com a minha cota».

Mais o Assinante 11.096 do Rio de Janeiro, «que lá teve a felicidade de beijar a mão ao vosso e nosso Pai Américo»; Sá da Bandeira a valer por dois; São Luís do Maranhão também bivalente. Mais uma procissão de 6 netinhas que de Luanda vieram até aqui entregar todo o ordenado dum mês, do avô 1.400\$00. Gestos tão lindos já não parecem da terra, por isso o gaiato é de fogo, do fogo que vem de almas assim.

Mais 50\$ de Lisboa para outro parafuso, mais outras quantias iguais de visitantes, e visitantes e mais visitantes e 355+50+80 tudo no prato da tipografia. Mais a última prestação de «Dois funcionários» e mais cem de Lisboa «para a Nossa Tipografia e 100\$ com idêntico destino, da parte do meu neto para ajudar o avô, se ele fracassar na marcha do batalhão».

Outra vez Angola, «tirado das minhas economias porque tenho um emprego modesto» Ninguém! Duas prestações de Elvas e finalmente as lágrimas desta mãe; «A dor de perder um filho, chamou Camilo — a maior dor humana — mas muito maior ainda, é ver um filho perdido moralmente, sem lhe poder dar remédio. A morte é pouca coisa, a par duma coisa tão grande. O céu fechou-se às minhas promessas e orações; e eu fui perdendo ao fim de meses e meses de esperança a vontade de rezar. Agora a minha oração é esta: Senhor aceita tudo como penitência dos meus pecados. Aceitai Vós todo o meu sofrimento como expiação. Envio cem escudos para a tipografia, é a 2.ª prestação, seja ela pela conversão deste pecador». Lágrimas de noivos, lágrimas de mãe, lágrimas de pobres! O gaiato é um santo Sudário.

Esta mãe perde um filho honesto e recebe um escorpião. Deus que é Pai, ao fim de muito bater, ouve sempre. E' do Evangelho. Mónica de Hipona que o diga.

A questão social, ocupa naturalmente o governo e os particulares. Há grandes vontades postas ao serviço do cruciante problema. Tive ocasião de observar, por exemplo, a Casa do Pequeno Jornaleiro. Funciona no Rio e é uma obra idêntica às Casas do Ardina, das Noelistas portuguesas, em Lisboa e em Coimbra. Aqui, é obra mais extensa e mais completa. Habitam all permanentemente uns cento e vinte ardinias. A sua obrigação primária, é a venda dos jornais da manhã e da tarde; mas também frequentam, no edificio, escolas profissionais, que os habilitam para a vida. Eu vi aulas de desenho, de música, de letras e também oficinas. Ouvi jornaleiros tocar violino e piano; e a banda da casa executou para nós. Este nós sou eu e o Zé Eduardo. Os rapazes concorrem com uns sessenta contos mensais, tirados das suas férias, o que significa comer o pão com o suor do seu rosto, segundo a lei eterna das coisas. Salvo raríssimos casos, todos entregam a fêria em cheio. Que os nossos, dos nossos lares do Porto Coimbra, e amanhã de Lisboa, leiam e meditem e façam na mesma; que alguns o não têm feito! A fêria dos ardinias, no Rio de Janeiro, parece ser muito mais equitativa do que na nossa terra, porquanto, eles podem entregar sessenta contos para despesas da casa, fazer o seu pecúlio e, ainda, ajudar as famílias.

Outra coisa gigantesca, é o chamado Abrigo de Cristo Redentor, com obras interessantes, desde o berço à velhice. A secção mais importante é, naturalmente, a do garoto da rua. A obra existe a uns quarenta quilómetros da cidade, em uma fazenda de mil e quinhentos hectares, vivendo ali uma data deles, por idade, em vinte casas muito bem construídas e divididas. A assistência particular mantém, ainda, outros asilos e orfanatos dos quais ouvi falar, mas que não visitei.

Das chamadas Beneficência Portuguesa, isso nem é bom falar. E' uma doença no coração dos portugueses e todas vêm da fundação das cidades. Rio, S. Paulo, Campinas, Santos; lá estão elas queridas e distinguidas e governadas com muito carinho. E não há cidade, por mais humilde, que não tenha a sua Beneficência. Todas nasceram com as primeiras casas. E' o espírito de D. Leonor. Até há pouco tempo, esta organização de portugueses, era sômente para portugueses. Agora não. Um decreto mandou o contrário, e hoje, são muitos os brasileiros que pedem e recebem o diploma de Irmãos.

Nas próprias Fabelas, existem arrojos de assistência particular. Disseram-me que o Cardeal do Rio de Janeiro, costuma penetrar neias e insta com os organismos católicos para que o façam. Porém, a calamidade é grande demais. A doença é de tal sorte, que não se cura com mizinhas. A Fabela no Rio de Janeiro tem algo de esmagador. Nós também tivemos em Portugal, e ainda hoje aparece aqui e além, o aglomerado de barracas; mas isto vê-se num sítio determinado. Aqui não. Na Cidade do Rio, não. Elas são pequenas cidades, dentro da cidade e paralelas com as mais luxuosas avenidas. Ouvi falar em sessenta delas, algumas com dez mil e mais habitantes. O estrangeiro, desprevenido, impressiona-se, naturalmente com este espectáculo desumano.

Os jornais de hoje falavam da resolução da Prefeitura e do acto de expropriação dum terreno para ali construir mil casas para fabelados. Isto era o cabeçalho da notícia. Começa o governo a inquietar-se também. Começa agora. E' tarde!

A Fabela é já hoje uma condenação terrível, que se levanta na cidade, contra a cidade. Tudo perde ali o sentido verdadeiro do progresso e de grandeza. O chiqueiro esmaga os arranha-céus! Porquê? Porque vivem ali almas. Eis!

A fabela do Rio de Janeiro, é, ainda, uma perene e crescente humilhação dos Governantes. Eles querem impedir que a massa dos miseráveis engrosse,—mas não atinam! E a presença destas massas humanas ao pé de estupendos edificios dos Ministérios, invalida todos os Decretos que de lá saem. Todos, digo, menos algum que seja uma tentativa, uma inquietação, um acto de amor aos fabelados.

Em resumo:

Atrasado	206 contos
Agora	14 contos e meio
Soma	220 contos e meio

P. S. — A' última hora a coluna cresceu repentinamente. O jornal já não chega. P.º Américo dirá.

O fado Hilário

Il.º Sr.

Administrador do JORNAL «O GAIATO»
O FAMOSO

Minha culpa... minha tam grande culpa.... desculpem-me o atraso.

Recebe-se o JORNAL... lê-se com aquele agrado já tam conhecido... põe-se de lado ou entrega-se a um amigo a quem dele se falou com carinho e entusiasmo e... voltamos às nossas ocupações habituais e ingratamente esqueço depois o GRANDE pequeno GAIATO.

Agradeço a lembrança e peço a repitam quando eu voltar a cair na falta.

Com tam franca confissão devo estar absolvido deste meu pecado... de esquecimento.

Remeto 70\$00 para pagar os dois anos em atraso. Devia mandar os juros... mas as coisas agora estão más e os cobres vão sendo menos. Espero poder um dia mandar mais... quero ir aí... e nessa altura explico-me melhor...

Desculpem.

HILÁRIO

A lembrança dos Administradores, enviando em postal aos esquecidos, deu resultado. Muitos ficavam admirados de se encontrarem no cemitério.

Ora se todos os leitores soubessem assim cantar—isso é que eles eram uns fadistas!

Mas há melhor. Ora olçam este Hino que não parece da terra.

Meus queridos gaiatos

«Ouvi hoje sem querer ordem de pessoa rica, a devolver o vosso jornal; deveis recebe-lo por este mesmo correio. Pareceu-me pecado, dos tais que bramam aos céus; e então, viúva e pobre quero eu assiná-lo desde hoje e reparar a cegueira daquela alma, ainda que para isso, seja necessário aumentar mais uma, ás minhas 12 horas de trabalho».

LEONILDE

E, para terminar, uma antífona para juntar ás melodias anteriores:

«Nunca duvidem de mim. Atrazadinha, mas concenciosa.»

Isto é a Casa do Gaiato

DEPOIS de dois meses de ausência, que mais pareciam anos, subemos que partiu do Rio de Janeiro a bordo do «Serpa Pinto» o nosso Pai Américo, em companhia do Zé Eduardo.

Devo chegar lá para o dia vinte ou vinte e um do mês corrente, e nesse dia iremos daqui em carruagem especial esperá-lo a Lisboa para lhe mostrar-mos que temos saudades dêle, e o nosso contentamento de vê-lo outra vez. O nosso entusiasmo deve chegar ao auge.

Estamos ansiosos que chegue o dia não pelo passeio mas sim para abraçarmos o nosso Pai Américo.

AGORA é o movimento do periódico.

Tem dado fôrça a lembrança dos postais. Todos os dias nos chegam dez a quinze vales de correio.

Uns escrevem mostrando estarem contentes, outros refilam. Houve um senhor que escreveu uma carta a dizer que não queria ser mais assinante somente por nós lhe mandarmos o postal. Felizmente deste género foi o único. Mas há ainda assinantes que não queriam os postais e queriam a cobrança.

Nós não podemos porque a cobrança fica muito cara e nós temos de arranjar modos infalíveis de fazer tudo com menos trabalho, e sem gastar muito dinheiro. Portanto vão contando com o postalzinho em casa que eles vão to-

dos os dias. Há leitores que nos fazem sugestões por exemplo: publicarmos os números dos que ainda não pagaram, mas, por enquanto, vamos-nos contentando com o postalzinho. Outros sugerem que se nomeie um collector em cada terra excepto Lisboa, e Porto, mas também devemos de pensar nisso mais sério. Agora outra coisa: nunca mandem o dinheiro da assinatura sem dizer qual é o destino dêle. Ora suponham que o assinante 99.000 se lembrava de mandar cem contos, sem dizer que era para pagar a assinatura. O Avelino de nada sabia e o senhor passava por caloteiro. No dia seguinte lá estava o postalzinho. Bóte para cá trez anos de atrazo. Isto foi tal qual o que succedeu a um senhor «Anónimo» que apesar de ter contribuido para a tipografia e para a assinatura com 200\$00 ainda ficou no cemitério dos mortos por que não sabendo o nome dêle não demos baixa na ficha. Ora vejam lá se mandam o respectivo nome e número quando pagam qualquer assinatura. E assim já não virão refilar com a gente.

JA' cá está tudo o que é preciso para uma tipografia bem montada. Ele é uma máquina grande de imprimir e outra pequena, ele é uma máquina de furar e de cozer, ele uns poucos de caixotes de tipo. Logo que o motor esteja ligado vai tudo entrar em função. Há-de ser o Pai Américo o primeiro a carregar no botão.

Já foram escalados uns poucos de rapazes que estão a aprender o sítio das letras e a distribuir os tipos. Agora o que parece estar fraquinha é a columna da tipografia. Por quizena só aparecem cinco contos. Vejam lá, se deixam ir pela água abaixo a «sublime fileira».

Mais uma vez, vejam lá.

TEMOS mais uma vitela.

Nasceu há vinte e três dias mas já tem o destino traçado. Vai ser para a chegada do Pai Américo.

Meu amigo cada qual quando nasce já tem o destino marcado!

HA' dias o Pedro lembrou-se de fazer uma das suas, e foi ás uvas verdes e as nozes que estavam nas mesmas circunstâncias, e lembrou-se de as ir enterrar para amadurecerem mais de pressa.

Mas nada se faz que não se saiba, e por isso o caso do Pedro também se veio a saber. Este logo que desconfiou que á noite devia ser obamado a tribunal, resolveu fugir. Fugiu, e andou por lá uma semana, até que julgando a sua culpa esquecida, voltou.

Voltou, mas o caso não estava esquecido e por isso á frente de todos e

no refeitório, foi dada a sentença: que o Pedro deveria comer o mesmo cacho de uvas verdes que ainda estava intacto desde a sua saída. As uvas já pareciam passas mas o Pedro comestô-as tôdas. E' assim o nosso tribunal.

TEMOS também cá mais um passaro como não se vê em parte nenhuma.

Tudo que lhe cheire a carne passa logo ao estreito.

A senhora quando o viu disse logo: Ai que se lá vão os meus pintainhos todos.

E' um milhafre.

Os do campo trazem-lhe ratos, cobras vivas, os da cozinha dão-lhe tripas e gorduras e quando nada disturbá o Moreira que desde que ele veio se prontificou para tratar dele vai acima dos telbados apanhar morcegos, pardais miudos para dar ao seu protegido.

Foram os rapazes do mato que o trouxeram ainda muito pequenino, mas agora já nem parece o milhafre dos outros tempos.

Quando ele dá um pio forte tudo se assusta cá na aldeia: galinhas, patos, os passaros do aviário e as pombas dos telbados.

A senhora então até fica sem pinga de sangue.

Notícias de Miranda e de Coimbra

1 Já temos mais um poço que fizemos na terra do Ribeirinho e que dá bastante água. E' o melhor destas redondezas. Levou muito tempo a fazer e gastou-se lá muito dinheiro mas agora já se pode tirar água com fatura para regar as terras. Para isso compramos um motor eléctrico muito bom.

Coloca-se um carro e depois de esgotar aquele poço, leva-se para outro e assim se rega toda a quinta.

2 Aqui há dias o Rui que é o miúdo da erva foi para os pedreiros brincar e vendo-os distraídos, dirigiu-se a saca da merenda do «Ti Zé Quaresma» e tirou-lhe o queijo.

Quando o trabalhador ia para comer a merenda, só lá estava a boroa e por isso fomos obrigados a dar-lhe o queijo do nosso.

Quando se descobriu, o culpado é claro, foi receber o segundo prato, no tribunal.

3 O Zé Maria da Covilhã já voltou. Andou por lá algum tempo. Parece-me que não passou por lá muito bem porque de vez em quando pedia para o deixarem regressar.

Duma vez escreveu ao Pai Américo a dizer que se o não aceitassem outra vez, que se matava.

Mas voltou. Deus queira que a lição sirva para ele e para todos nós.

4 O Sr. P.º Manuel que ás vezes, visita a Penitenciária, tem muito dó dos presos.

Há dias tirou de lá dois em liberdade condicional que vieram para aqui trabalhar. Tinham ido muito novos para a cadeia.

Trabalham de marceneiro e de car-

pinteiro e têm dado boa conta. Se eles se portarem bem, pode ser que o Sr. P.º Manuel de lá tire mais

Até aqui foi Miranda; agora é

COIMBRA

1 Pouco antes de fazer o meu exame, o Sr. P.º Manuel disse-me que quando eu o acabasse tinha de ir passar quinze dias a Miranda e depois é que iria para Paço de Sousa.

Vendo isto, tratei logo de me livrar dessa chaga e por isso fiz um contrato com ele: se eu tivesse quatorze valores ou daqui para cima, no resultado final do meu exame, ia logo para Paço de Sousa; se não tivesse ia passar os ditos quinze dias a Miranda. Ele aceitou.

No dia em que as notas saíram foi logo vê-las mas quando vi lá marcados só treze valores, disse para comigo: Ai que estou desgraçado porque já não posso conter mais saudades dentro de mim dos meus companheiros de Paço de Sousa!

Fui para casa e o Sr. P.º Manuel ao saber do caso, disse que me perdoava e por isso vim.

Agora já estou mais aliviado; mas ainda não estou bem porque há muito que não vejo o Pai Américo.

2 O Ernesto continua á espera dos corações generosos que queiram deixar qualquer importância para a casa, no estabelecimento «Porfirio Delgado». Ele diz que não falta lá nada de tudo o que diz respeito a lanifícios e se os senhores lá forem, verão que também lá não falta a treta do Ernesto.

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

Uma surpresa

Quando estávamos no tribunal, o senhor P.º Luís, disse-me a mim e ao Alfredo Serra para arranjarmos a nossa roupa, para no dia seguinte (domingo) seguirmos para Paço de Sousa.

Saímos daqui na camionete das 10 e 45 e de Lisboa no correio do meio dia e quarenta. Chegamos ao Lar do Porto às 21 e 45. Almoçamos lá, e no dia seguinte fomos para a dita terra. Estivemos lá toda a segunda-feira e na terça regressamos de automóvel, mais o senhor P.º Adriano, passando por Espinho, Aveiro, e parando em Coimbra, no Cidral para jantarmos. Aproveitamos o caminho por Miranda, para vermos a Casa do Gaiato nova e seguimos para o Tejal, ao qual chegamos às 20,30, terminando assim este passeio.

Um prémio de comportamento!

O Octávio com o seu comportamento, conseguiu que o irmão viesse para cá. Ele tem 4 anos e é muito vivo como o irmão. Está sempre ao lado dele, e quando a gente o leva para alguma parte, ele diz:—Quero ir para ao pé do meu Taboi!...

Logo no segundo dia que veio, foi para ao pé do portão, e levantando o braço direito exclama:—Vou fugir!! O policia que é o seu companheiro de mesa e da brincadeira, e que tem 5 anos, não o deixou ir embora. Chegou-se ao lado dele e dá-lhe um empurrão, mas o outro chega-lhe duas lambadas. Então ele viu que não fazia nada a mal... começou-lhe a fazer festinhas, e assim conseguiu que o seu companheiro ficasse. O policia desta vez mostrou ser bom companheiro, amigo leal, e também bom policia!...

Tudo se sabe

O Chóchinhas foi vender o Famoso ac Estoril, e por sorte logo ao iniciar a venda, um senhor deu-lhe 20\$00, no fim de lhe fazer uma

série de perguntas. Daí por algumas horas chegava uma espada dom os ditos senhores. Nada mais natural, vieram ver se o que o rapaz tinha dito era realmente verdade. Dá-nos a impressão de que ficaram satisfeitos porque quando acabaram de visitar a casa toda, deixaram 500\$00.

O Chóchinhas quando chegou entregou os 20\$00 e ficou contente quando veio a saber que o Senhor que os derá tinha cá estado.

Obras

Já lá vão dois meses de trabalho no Casal Agrícola.

Como todas as casas começou por não estar nada feito, agora já tem andaimos, e em alguns sítios tem uns 3 metros de altura. Os trabalhadores são os mesmos, e as férias continuam também na mesma, a passar 3 contos por semana.

O palácio, também se vai consertando, embora mais devagar... As nossas camaratas já têm janelas novas, e a secção feminina, isto é, os quartos das senhoras já estão acabados. A escola já mudou para a nova sala e a escadaria que liga as oficinas ás camaratas também já está pronta.

Colheitas

O trigo não deu para as despesas, semeamos 10 sacos e colhemos 25, ainda porque o senhor Dário Canas não levou nada pelo trabalho das máquinas, senão só ficávamos com 20.

As nabijas e as outras hortaliças que temos levado para a praça, também nada deixam de lucro, só o milho e os melões é que deixam alguma coisa. O milho já está na eira a secar. Semeamos 7 alqueires e contamos ter a passar de 200. O senhor Alexandre é que fica de noite a tomar conta dele, e uma noite destas quando passava pelo sono, sentiu passos e tal não foi o susto quando viu a pouca distância dois homens estranhos.

Graças a Deus, até a hoje ainda não desapareceu nenhum. Mas desta vez pouco faltou.

Pedro João